



Crises Económicas e a sua Lógica Histórica na Economia Moçambicana

Carlos Nuno Castel-Branco
carlos.castelbranco@gmail.com

V Conferência Internacional do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)

“Desafios da Investigação Social e Económica em Tempos de Crise”

Maputo, 19-21 de Setembro de 2017

Estrutura da Apresentação

- Crises ao longo da história e a sua explicação aparente
- Crises como parte orgânica do processo de acumulação de capital
- Que fazer?

Crises ao Longo da História e a sua Explicação Aparente

Crises económicas ao longo da história em Moçambique

- Nos últimos 60 anos, a economia de Moçambique registou uma série de crises (definidas como ruptura ou interrupção do processo de reprodução e acumulação, com registo de **contracção**, não apenas desaceleração, do crescimento económico, do investimento e do emprego, com impacto no défice fiscal e da balança de pagamentos).
- Crises ao longo da história – tensões no sistema de acumulação relacionadas com sustentabilidade dos grandes impulsos. O que sustenta o grande impulso? Como é que o grande impulso gera novas capacidades ou apenas consome (extrai)?
- O problema pode emergir quando a economia tem um carácter quase dualista (uma parte sustenta toda a economia e a outra mal se sustenta a si) e desarticulada (sem ligações a montante e a jusante), depende da exportação de produtos primários e é dependente da importação tanto de capacidade produtiva (bens de capital) como dos bens necessários para operar essa capacidade produtiva (combustíveis, matérias-primas, materiais auxiliares, etc.)

Crises económicas na segunda metade do século XX

	1959- 63	1963- 65	1965- 70	1970- 72	1972- 74	1974- 77	Crise dos anos			1991- 93
							1977- 82	1982- 87	1987- 91	
Taxa média <u>anual</u> de variação do PIB real (a)	5%	-4%	6%	-4%	6%	-7%	3%	-9%	5%	-4%
Taxa de <u>variação</u> <u>acumulada</u> , no período, do PIB real (b)	22%	-4%	34%	-8%	12%	-23%	14%	-51%	22%	-8%
Índice do PIB, 1950=100 (c)	122	117	157	144	162	141	160	79	96	88
Índice do PIB, 1975=100 (c)	81	78	104	96	108	94	107	52	64	59

Crises económicas ao longo da história em Moçambique

- Em todos os casos, as crises – de duração temporal e gravidade desiguais – seguiram-se a períodos de rápida expansão económica (medida pelo crescimento do PIB) acompanhada por tentativas de mudança dos focos de acumulação
 - 1963-65: (i) indústrias de processamento final para o mercado doméstico, dependentes de importações, sustentadas por exportações de produtos primários + (ii) políticas de austeridade fiscal e cortes nos subsídios do governo central português
 - 1970-72: (i) + (ii) + (iii) impacto da guerra (na produção, na base fiscal e na alocação dos fundos públicos)
 - 1974-1977: (i) + (iv) crise “importada” da anterior (que não havia tido tempo para ser ultrapassada) + (v) crise da transição política (desinvestimento, ruptura das capacidades e dos circuitos de produção e circulação, ruptura do sistema financeiro,)

Crises económicas ao longo da história em Moçambique

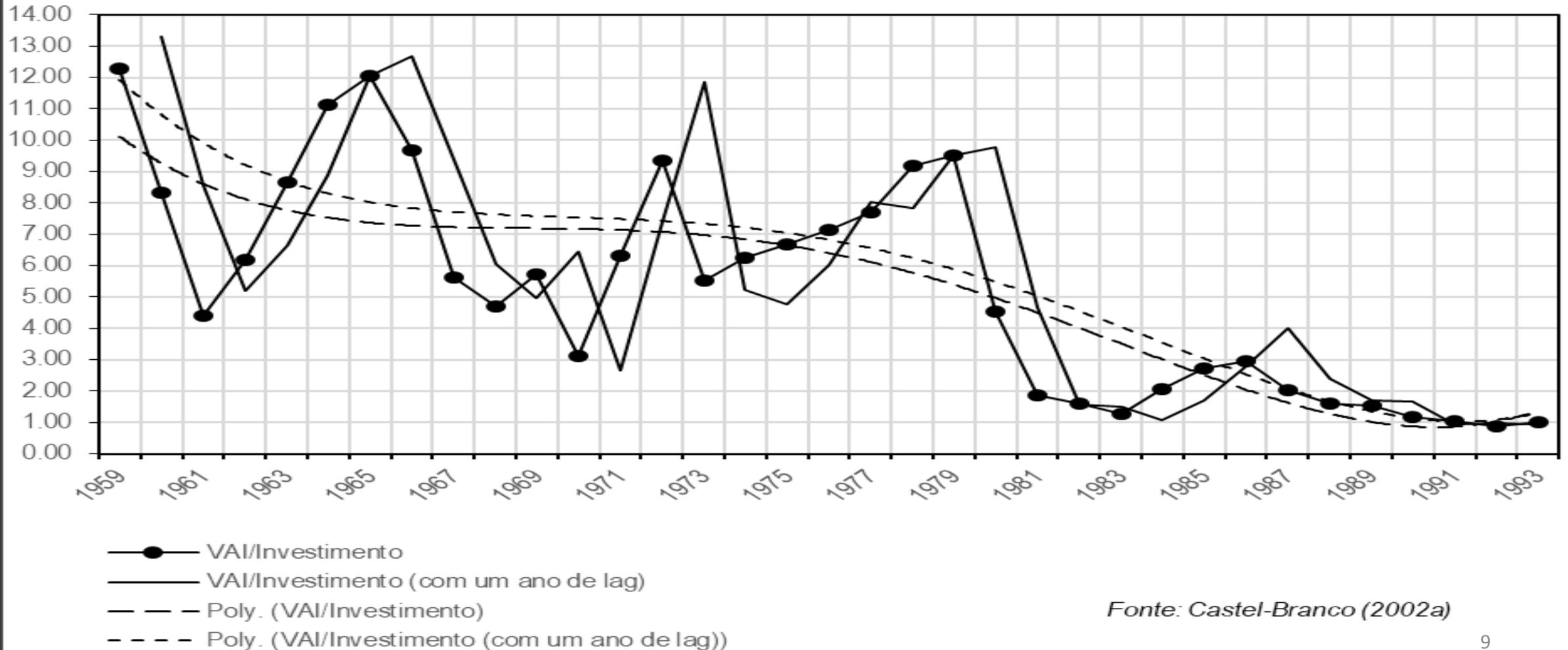
- 1982-87: (vi) grande impulso (PPI) insustentável em muitas frentes (custos, base das exportações, ruptura dos fluxos de capital) + (vii) mudanças radicais nos modelos de propriedade e gestão; (viii) crise dos preços internacionais (petróleo ↑, outros produtos primários ↓); (v) (outra guerra, alguns dos mesmos impactos na economia). Os dados (ver tabela a seguinte) podem ser interpretados de muitas maneiras (TT, guerra, calamidades, má gestão, etc...), mas a essência da crise reside na combinação das estruturas e dinâmicas de expansão e instabilidade da economia com as opções de transformação e financiamento da economia.
- 1991-1993: (i) + (vii) + (ix) interrupção de parcelas da ajuda externa (negociação de novos acordos) que mantinham a economia capaz de continuar a crescer.
- As raízes de cada uma das crises localizam-se, essencialmente, no que acontecia no período pré-crise, onde a crise era “cozinhada”. Os períodos de rápida expansão foram como caldeiras vulcânicas acumulando lava e pressão, que explodiam nos períodos de crise. Cada crise é anunciada pela crónica do que a antecede.

Crise da década de 1980 – taxas de variação de alguns indicadores económicos fundamentais.

	1979-1982	1982-1983	1983-1984	1979-1984
Produto Interno Bruto (PIB)	9%	-12%	-9%	-13%
Investimento bruto	270%	-64%	-25%	0
Exportações de bens e serviços	7%	-27%	-32%	-46%
Importações de bens e serviços	47%	-25%	-30%	-23%
Taxa de cobertura de Importações (a)	-44%	-20%	-10%	-60%

Redução do rácio VAI/I = (i) indústria mais superficial e dependente + (ii) incapacidade de utilização da capacidade produtiva

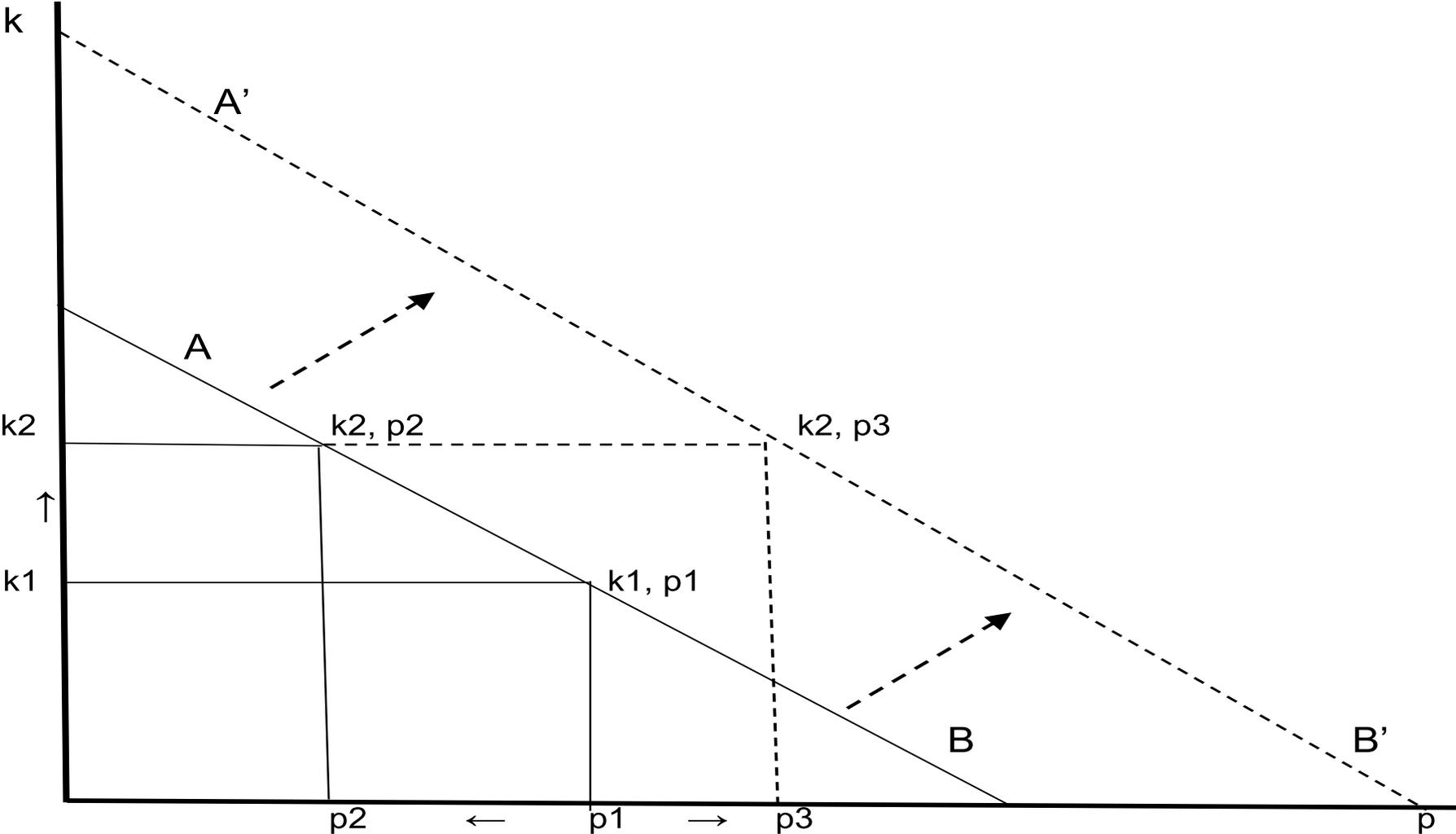
Gráfico 1: rácio entre o Valor Acrescentado Industrial (VAI) e o investimento na indústria



Fonte: Castel-Branco (2002a)

Dupla dependência (k, p) + estrangulamento AB dado por M = produtos primários

Figura 1: Relação entre aumento (k) e utilização (p) da capacidade produtiva, numa economia com restrições de moeda externa e dependente de importações para expandir e operar a capacidade produtiva



Economia de Moçambique no século XXI

- A tabela seguinte parece mostrar uma economia saudável e em ampla expansão, aparentemente em nada semelhante à da economia em crise nos anos 1980.
- Dois indicadores chamam a atenção para uma possível caldeira em ebulição:
 - A escala do investimento externo (porque e como é atraído, a que custo e para fazer o quê?). (Vamos ver mais tarde na apresentação).
 - A reduzida eficácia do crescimento económico em reduzir pobreza, bem como a redução dessa eficácia à medida que o crescimento económico acelera e o investimento aumenta).

Economia de Moçambique no século XXI – Indicadores económicos 2000-2015

	PIB		Importações	Exportações	Investimento externo	Pobreza	
	Biliões de meticais	Biliões de USD	Biliões de USD	Biliões de USD	Biliões de USD	Índice	Elasticidade da pobreza relativa ao crescimento do PIB
Valor no final do período	425	15,5	5,2	3,4	28 (b)	46,1%	-
Variação acumulada ao longo do período (%)	213% (o PIB cresceu 3,13 vezes)		658%	513%	-	-12,7%	-0,07 (g)
Variação média anual (%)	7,4%		13%	12%	-	-0.8%	-0,11 (h)

- Cinco problemas lógicos com a baixa elasticidade da pobreza relativamente ao crescimento económico:
 - opções de vida e qualidade de vida limitadas;
 - mercado interno não expande;
 - grosso da expansão continua derivada de dinâmicas externas (multinacionais);
 - transformação económica é mais difícil; e
 - reforça a economia extractiva e porosa.
- O que acontece com o investimento?

Dependência externa do investimento privado

	Nacional	Estrangeiro	Total
Investimento directo	6%	37%	43%
Empréstimos bancários	18%	39%	57%
Total	24%	76%	100%

Porquê dependência? Sistema financeiro doméstico é pequeno + opções/foco económicos seguidos

	Em moeda nacional (em biliões de meticais) (4)	Conversão em USD (em biliões de USD) (5)	Em moeda externa (em biliões de meticais) (6)	Conversão em USD (em biliões de USD) (7)	Total (8) = (4)+(6) (em biliões de meticais)	Conversão em USD (em biliões de USD) (9)
Depósitos à ordem (1)	116	1,7	87	1,3	203	3
Depósitos a prazo (2)	100	1,5	26	0,4	126	1,9
Total (3) = (1) + (2)	216	3,2	113	1,7	329	4,9
(1) como % de (3)	54%	-	77%	-	62%	-
(2) como % de (3)	46%	-	23%	-	38%	-

Aceleração meteórica do investimento (tal como em 1979-82). Sendo privado, criará um problema para a economia???? Será “bom” ou “mau”?

	2000-04	2005-09	2010-14	2015	2000-15
Influxos reais de investimento privado externo (em milhões de USD)	1 324	2 188	20 566	3 868	27 946
Média anual (em milhões de USD)	265	438	4 131	3 868	1 747

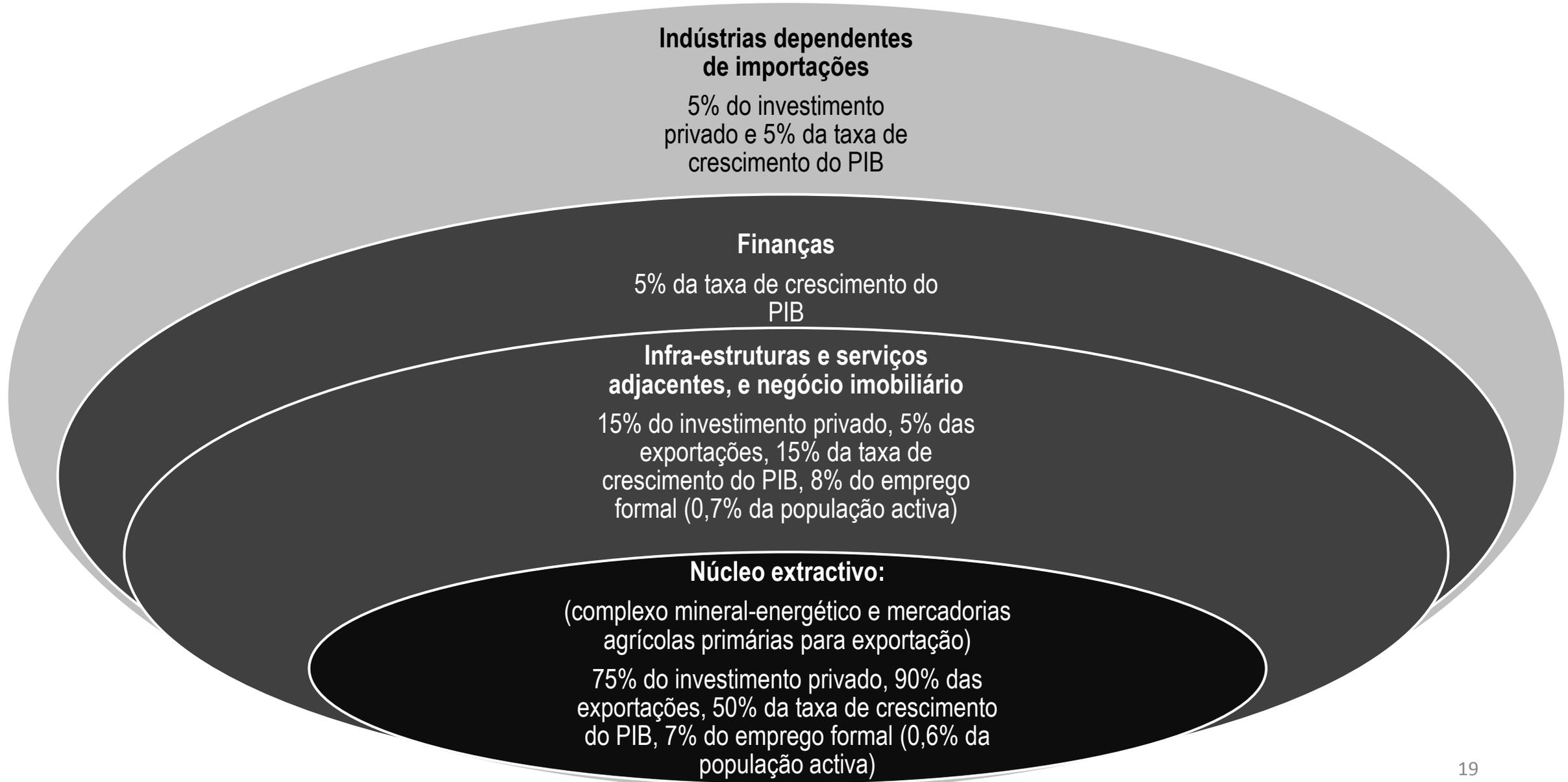
Como saber se é “bom” ou “mau”? (1) O que o atrai e para onde vai o investimento?

	Economia extractiva					Outros sectores: (*) (a)
	Núcleo extractivo da economia (*)	% do financiamento da fonte que vai para o núcleo extractivo	Serviços e infra-estruturas adjacentes ou associados ao núcleo extractivo (*)	% do financiamento que vai para os serviços e infra-estruturas adjacentes	% do financiamento que vai para a economia extractiva	
IDE	31%	83%	5%	13%	96%	1%
Empréstimos externos	29%	73%	9%	23%	96%	2%
IDN	3%	58%	2%	27%	85%	1%
Empréstimos internos	12%	66%	4%	22%	88%	2%
Total (c)	75%	-	20%	-	95%	6%

Como saber se é “bom” ou “mau”? (2) Estrutura produtiva resultante?

	PIB	Indústria extractiva	Transportes e comunicações	Construção	Serviços financeiros	Agricultura e florestas	Energia	Água	Indústria Transformadora	
									Incluindo alumínio e gás natural	Excluindo alumínio e gás natural
Taxa de crescimento real média anual no período 2005-2015 (em percentagem)	7,4%	21%	12%	11%	10%	8%	6%	6%	4,3%	2,8%
Diferença em relação à taxa de crescimento real média anual do PIB (em pontos percentuais) (a)	-	13,6	4,6	3,6	2,6	0,6	-1,4	-1,4	-3,1	-4,6

Estrutura produtiva resultante – a grande imagem da estrutura da economia nacional



Como saber se é “bom” ou “mau”? (3) Outros “incentivos” e o uso do espaço de endividamento do Estado (2006-15)

	Variação do stock da dívida pública			Variação do PIB	Variação da dívida comercial			A dívida comercial por tipo de despesa (peso na dívida comercial total)		
	Interna	Externa	Total		Variação	Peso 2006	Peso 2015	Infra-estruturas	Garantias à dívida privada	Serviço da dívida
Variação acumulada no período 2006-2015	900%	223%	264%	97%	1.300%	8%	49%	31%	39%	30%
Média anual de variação	26%	13%	15%	7%	37%	-	-	-	-	-

Como saber se é “bom” ou “mau”? (4) Implicações no sistema financeiro, canal de ligação com o resto da economia

	Sector produtivo (a)		Comércio		Consumo particular de bens duráveis		Títulos do Governo	
	Peso no portefólio total (em %)	Taxa de variação do peso no portefólio total (%)	Peso no portefólio total (em %)	Taxa de variação do peso no portefólio total (%)	Peso no portefólio total (em %)	Taxa de variação do peso no portefólio total (%)	Peso no portefólio total (em %)	Taxa de variação do peso no portefólio total (%)
2010	41	-	16	-	17	-	26	-
2011	38	-7	16	0	20	18	26	0
2012	37	-3	13	-19	22	10	28	8
2013	36	-3	12	-8	23	5	29	4
2014	36	0	11	-8	21	9	32	10
Média do período	38	-	14	-	21	-	28	-
Acumulado no período	-	-12	-	-31	-	24	-	23

Crises Como Parte Orgânica do Processo de Acumulação de Capital

Porque se reproduzem as crises ao longo da história?

- A sustentabilidade de impulsos acelerados neste tipo de economia depende do que acontece com os sectores que sustentam a economia, e com a velocidade a que os novos sectores passam a criar novos recursos para a economia em vez de apenas consumirem
- Isto não é tão difícil de entender. Então, porque se reproduzem as crises ao longo da história? Custos da expansão do capitalismo, que são pagos, de forma desigual, por diferentes sectores

De onde vem a crise?

- Primeiro, não é só da dívida (externa e/ou interna) – aliás, a dívida é uma consequência e não a causa primária da crise mais geral. A crise da dívida tornou-se também numa causa de outros problemas, como já vimos e veremos. Se a causa primária da crise não é a dívida, também não pode ser a dívida ilícita (que é parte da dívida). Estes dois problemas são muito importantes e enfrentá-los é parte da solução, mas não são a causa primária da crise. A crise não foi causada apenas por má gestão ou factores externos.

De onde vem a crise?

- Segundo, o problema primário é a forma como:
 - Recursos e força de trabalho são expropriados, reorganizados e utilizados;
 - As capacidades produtivas são expandidas e aumentadas em algumas áreas e contraídas e eliminadas em outras, ao mesmo tempo que grupos sociais e comunidades são excluídas do acesso a essas capacidades em expansão;
 - A expansão da forma capitalista de organização a todas as esferas da sociedade, incluindo os recursos e serviços públicos, a segurança social e as finanças.

De onde vem a crise? (cont.)

- Terceiro, a forma particular como esse processo de reorganização e expansão do capitalismo acontece em Moçambique é determinada pelo foco do processo político e económico nas últimas duas décadas – formar uma classe de capitalistas. Revistas especializadas, como a Forbes, mostram que Moçambique é o País africano com uma taxa mais rápida de crescimento do grupo de milionários. Entre 2002 e 2014, o número de milionários moçambicanos duplicou, aumentando em um milhar, e o número de pobres aumentou em cerca de 2,1 milhões. Isto é, cada novo milionário custou um pouco mais de 2.000 pobres.

De onde vem a crise? (cont.)

- A formação de capitalistas, nas condições de Moçambique, depende de acesso a capital externo. Para o mobilizar, o Estado pôs à sua disposição os recursos estratégicos e a sua capacidade de endividamento.
- Esta estratégia foi concretizada através das primeiras três ondas de expropriação do Estado: as privatizações de empresas da década de 1990, a expropriação e privatização dos recursos naturais estratégicos na última década e meia, e endividamento desenfreado do Estado na última década a favor do capital privado.

De onde vem a crise? (cont.)

- A resposta que está a ser dada à crise daí resultante é outra, a quarta, onda de expropriação do Estado, em que este assume a privatização as finanças públicas, a fiannceirização dos recursos estratégicos e a austeridade social.
- A economia assim gerada nem multiplica empregos decentes nem reduz pobreza, embora crie milionários, e reproduz as estruturas dependentes de expansão económica até ao ponto de ruptura, que, neste caso específico, foi cristalizado na crise da dívida.

De onde vem a crise? (conti.)

- Em quarto lugar, a crise moçambicana foi, também, exacerbada pelo contexto global: a financeirização do capitalismo global (isto é, o domínio das formas especulativas financeiras sobre o processo global de reprodução da economia), as formas de integração da economia moçambicana no capitalismo global e as várias crises nos mercados de produtos primários.
- No entanto, Moçambique ficou muito mais vulnerável a essas tendências globais pela forma como a gula por capital fez as classes capitalistas nacionais, com o apoio do Estado, expor Moçambique a essas vulnerabilidades – a mercados financeiros especulativos, à ira das instituições financeiras internacionais e à cada vez maior dependência de produtos primários.

O Que Fazer?

Reforma ou Revolução?

- Duas abordagens:
 - Reformista – salvar o capitalismo de si próprio
 - Revolucionária – substituir o capitalismo → socialismo???
- As duas abordagens têm enfoques diferentes e ambas enfrentam dificuldades particulares. A dificuldade mais importante é que nenhuma delas está provada na prática histórica
- Apesar de diferentes, estas abordagens não têm sempre de estar em conflito entre si nem têm de ser sempre mutuamente exclusivas. Há uma forte tensão entre elas, mas nem sempre existe antagonismo e repulsa.

Uma abordagem reformista progressista

- Primeiro, não aceitar a austeridade social.
 - Para isso, é preciso entendê-la em todas as suas vertentes – os cortes nas despesas sociais, emprego, salários, a inflação dos bens básicos de consumo, o aumento das restrições monetárias e das medidas anti inflacionarias assentes no aumento da escassez e do preço do capital para a diversificação da base produtiva, etc.
 - Também é preciso demonstrar como a austeridade social não resolve as causas da crise, pois o austeridade social é assente na premissa falsa de a crise ser o resultado do excesso de consumo sobre oferta (como é que uma economia com uma das mais altas taxas de crescimento no mundo nas últimas duas décadas, com dois terços da população pobre ou vulnerável, com 70% da dívida causada por protecção ao grande capital privado e investimento na economia extractiva, com dois terços das operações activas dos bancos focados em especulação e consumo de bens duráveis das classes abastadas, tem uma crise causada por excesso de consumo e tenta lidar com ela por via de cortes sociais?)

Uma abordagem reformista progressista

- Segundo, é preciso ter alternativas viáveis para a crise actual que evitem a austeridade e o aprofundamento da crise e a dependência de ajuda externa:
 - Eliminar a porosidade da economia (incentivos fiscais redundantes, parcerias público privadas de retorno negativo para o Estado, expropriações a baixo custo, etc.);
 - Rever o programa de investimento público (reavaliar as obras, eliminar as não prioritárias e rever os custos das outras, realinhar o programa de investimento com a necessidade de diversificar a base produtiva, de emprego e fiscal e de gerar os bens e serviços básicos de qualidade e a baixo custo, melhorar os mecanismos de planificação e avaliação);
 - Renegociar e reestruturar a dívida (o que também implica recusar pagar a dívida ilícita e, se necessário, levar à justiça quem a fez e expropria-los dos seus bens);

Uma abordagem reformista progressista

- Focar na diversificação e alargamento da base produtiva e do emprego (incluindo a substituição de importações e a sua ligação com a diversificação de exportações, a produção de bens básicos de consumo, a baixo custo, para o mercado doméstico, etc.)
- Prestar atenção a questões práticas da aliança operário-camponesa, nomeadamente: (i) a problemática dos termos de troca e da redistribuição do excedente entre o campo e a cidade, entre sectores da economia e grupos sociais; e (ii) a particularidade das dinâmicas de semiproletarização e informalização do trabalho, dada a expansão de formas de trabalho migratório, sazonal e casual associadas às condições de rentabilidade reproduzidas pelo capital.
- Construir alianças regionais e internacionais em torno de de assuntos concretos e específicos, como, por exemplo: a exploração de recursos minerais e energéticos numa perspectiva de industrialização alargada e diversificada regional, o combate a paraísos fiscais e incentivos fiscais redundantes, a renegociação e reestruturação da dívida, o combate à fuga ilícita de capitais, etc.

Uma abordagem reformista progressista

- Terceiro, aprender das crises – a que velocidade se pode mudar a economia? Como minimizar as vulnerabilidades nesse processo? Como interligar os processos de mudança dentro da economia? Como aumentar as oportunidades para que as opções de mudança criem, acumulem e reproduzam capacidades em vez de apenas a absorverem? Como ligar o curto e o longo prazos? Que problemas priorizar? Como mudar de uma visão assente nas taxas de variação e nos recursos, para uma assente em padrões de mudança e problemas sociais a resolver? Quais são as formas de capitalismo mais propícias às crises e como evitá-las e substituí-las com o quê?

Notas para a construção de uma abordagem revolucionária → socialismo???

- No limite, podemos aprender a minimizar e gerir crises, desde que o Estado possa exercer controlo sobre o processo de acumulação privada de capital, com o intuito de reproduzir as condições de acumulação de capital a longo prazo para todo o capital. Mas esta possibilidade é inconsistente com a natureza dos processos de acumulação de capital, e não é demonstrável em nenhuma experiência histórica concreta de quatro séculos de capitalismo. É uma hipótese incompatível com o carácter monopolista e globalista do capitalismo.

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- Uma abordagem revolucionária requer um entendimento revolucionário da relação entre o capitalismo e as crises.
- Em primeiro lugar, os interesses individuais dos vários ramos do capital não são iguais aos da economia como um todo, a não ser no sentido vago em que é do interesse do capital em geral que as suas condições de acumulação se reproduzam. No entanto, a preocupação primária do capital que opera a indústria de exportação de algodão ou de caju, ou a fábrica de montagem de carroçarias ou de fabrico de cerveja, ou os bancos que garantem os créditos é a sua capacidade de gerar, extrair e realizar a mais-valia, pelo que a sua consideração pelas estruturas da economia surge apenas quando a sua base de acumulação é seriamente posta em causa.

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- Em segundo lugar, os interesses específicos e preocupações das diferentes facções do capital diferem na medida em que competem entre si (e, portanto, tentam desalojar os competidores do mercado) ou participam nas mesmas cadeias de valor e, neste caso, competem acerca da partilha da mais-valia gerada e realizada.
- Em terceiro lugar, o objectivo da produção capitalista é a acumulação de capital, que o lucro permite concretizar, pelo que cada capital está preocupado com a sua base de rentabilidade e, quando a crise estoura, pela reposição dessa base de rentabilidade.

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- Finalmente, e esta é a essência da questão, as crises do capitalismo são inevitáveis pela subordinação da produção de valores de uso à produção de mais-valia, sendo a configuração específica que adquirem o produto das condições de acumulação, nomeadamente as estruturas e condições de produção, de competição e de luta de classes.
- Por isto, uma abordagem reformista, focada no aperfeiçoamento do capitalismo, não resolve o problema (pode agravá-lo se desactivar a organização e mobilização das classes trabalhadoras).

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- No entanto, uma abordagem reformista progressista, anti-austeridade social e que tenha enfoque na confrontação das tensões do modo de acumulação, pode servir de antecâmara para uma abordagem revolucionária, de superação do capitalismo.
- O contínuo enfoque na urgência criada pelas crises do capitalismo tem forçado a concentração da atenção em reformas, mais ou menos possíveis, aceites e credíveis, que ajudem a melhorar o capitalismo. Isto tem impacto na redução da capacidade e na confiança para pensar, mobilizar, organizar e agir revolucionariamente.

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- As mais radicais, mesmo que justas e justificadas, abordagens reformistas são alvo de ataque político e ideológico dos grupos do capital financeiro e, isoladamente, têm poucas hipóteses de sobrevivência (casos do Syriza, na Grécia, e da esquerda reformista do Partido Trabalhista Britânico, por exemplo).
- O neoliberalismo e a financeirização impuseram a emergência e renascimento do nacionalismo económico não só na Europa e nos EUA, mas em outras partes do mundo também, onde o populismo de direita ganhou força – como em Moçambique, Tanzânia, África do Sul, Índia, etc. – onde a defesa e a promoção das classes capitalistas e seus interesses são deliberadamente confundidas com anti-imperialismo (de facto, são repostas defensivas a dinâmicas neoliberais de globalização, e não ao imperialismo).

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- O que pode ser feito? Opções são muitas e histórica e socialmente específicas. Mas há algumas linhas sobre as quais talvez valha a pena começar a pensar e agir.
- Uma estratégia revolucionária provavelmente incluirá, entre outros e com outras formulações e prioridades, os pontos seguintes:
 - Rigoroso conhecimento das condições de reprodução, acumulação, distribuição e reestruturação do capital, como a economia funciona como sistema, e não como soma de partes. Este conhecimento, historicamente específico, pode ser uma base sobre a qual assentam as linhas de argumentação e luta social e política.

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- Luta contra a expropriação (dos recursos estratégicos, dos direitos laborais, do Estado, dos serviços públicos e da segurança social, e das liberdades), e contra a discriminação e a segregação económica, social e política.
- Inclusão das estratégias reformistas anti-austeridade social (com enfoque nas mudanças dos padrões de crescimento, rentabilidade e distribuição) na plataforma revolucionária mais geral.
- Desenvolvimento da mobilização, organização e articulação da luta sociopolítica progressista e do vasto leque de formas de organização e agendas, a vários níveis de intervenção política (das comunidades ao Estado central) articuladas em torno de alguns pilares fulcrais da luta anti-capitalista.
- Utilização massiva dos meios de comunicação social, tradicionais e mais modernos.

Contribuição para uma abordagem revolucionária

- Seja o que for que tal estratégia revolucionária possa ser, nada contém ou dirige os movimentos sociais reais, e será na dinâmica da luta de classes e da prática social do dia a dia que as capacidades, iniciativas, organização, mobilização, acção e consciência revolucionárias podem emergir.
- Claro que há muitas respostas a estas questões, algumas contraditórias, algumas com alto nível de tensão, reflectindo ideologias, crenças, enfoques e interesses de classe diferentes.
- A história nos ensinará, e provavelmente confirmará que o capitalismo não é alternativa ao capitalismo.

